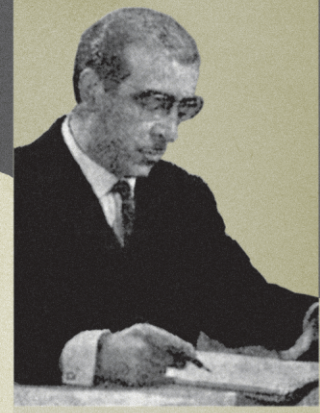
Recital de Poesia

por Manuel Freire

Autor/intérprete da "Pedra Filosofal". É cantautor desde o início dos anos 60. Mais de um milhar de espectáculos e recitais em Portugal e outros paises. Vários discos editados. Vários prémios e uma condecoração no curriculum. Continua vivo e teimosamente activo, como o prova este recital. Desde Setembro de 1999, dedicado a tempo inteiro a esta actividade.

TODOS OS EXEMPLARES SÃO RUBRICADOS PELO AUTOR



Azeméis
é cultura

biblioteca oliveira de azeméis

apoio:
Junta de Freguesia de Cucujães
Núcleo de Atletismo de Cucujães

III Concurso Nacional de Poesia *Agostinho Gomes*

Espectáculo de Poesia e Entrega de Prémios

25 de Outubro de 2002
Junta de Freguesia de Oliveira de Azeméis
21.30 horas

Discussão

Rima ou não-rima ?
— Mera altitude ou simples fantasia...
Permeio à pose de altitudes,
Pode ou não subjazer a Poesia !

Trilha direita de arremeço de asa ?
Ébria trajectória de caminhada ?
Sob o capricho dos gestos,
Atenta, vela a intenção...

Por traz do capricho ou não capricho
De quem o vive ou de quem o cria,
Impulsão de alma ou pensamento,
Pode esquivar-se a Poesia...

Conclusão ? :
— Nasça ou aconteça a Poesia,
Isenta de explicação !

1.º Lugar

Tudo Passa

Tudo passa nesta vida
Nos caminhos e nos ventos
Nas correntes de água turva
Na mente, nos pensamentos.
Passa a mágoa com o tempo,
Passa a dor e passa a vida
Passa a paz e a alegria
Passa a noite, passa o dia.

Há passantes, há passado.
Há o passo a procissão.
Uns seguem pelos caminhos
Outros param na ilusão.
Há quem esteja a ver passar.
Há quem vá de escantilhão.
Outros seguem arrastados
No meio da multidão.
Há passivos pacientes
E quem vá só de empurrão.
Os perdidos vão seguindo
Caminhos de escuridão.

Passam luas sem luar
Dias sem sol e sem luz.
Há quem passe derreado,
Carregando sua cruz.

Tudo passa
A fome, a guerra.
Passa a banda a procissão.
Passa o ódio e o amor
Passa o luto e a paixão.
Passa o vento, passa o rio
O Outono e o Inverno.
Passa o calor, passa o frio,
Só não passa o que é eterno.

Nome: Aida de Fátima Viegas Pires de Oliveira
Pseudónimo: Cotovia

2.º Lugar

Ferreira de Castro

Há um lugar inextinguível onde a respiração dos gestos
Tem como afluente as antinomias do velho vapor *Jerôme*
Com a aparição da tristeza sobre o dorso da água
À foz do *Amazonas*,
Descobriste demasiado jovem os sofrimentos somados
Às injustiças e misérias...
Sentias uma feroz necessidade de escrever,
De dar forma aos esboços que permaneciam
Dentro da tua alma...

A escutar os sons preencheste o reflexo literário das palavras...
A escutar as palavras determinaste a germinação da angústia...
A escutar a angústia sacrificaste a paisagem da tua dor...
A escutar a tua dor aprendeste a amar, mesmo até o amor...

Mas tudo isto se passou noutro tempo, noutro lugar.
Passou-se numa *Selva de Terra Fria* com inúmeros *Emigrantes*.
Mas esta era a tua *Missão* José Maria,
Esta era a tua *Eternidade*
Demasiada grandiosa para este Tempo.
Reformulaste os múltiplos sentidos,
Dissolvidos nos incêndios da chama provocada pela essência
de *Diana de Lis*, mas mesmo as suas *Pedras Falsas* curvaram-se
perante o teu frágil,
mas nobre coração - perfume de *Lã e Neve*.

Viajaste pelo mundo, imprimindo
A tua noite;
O teu verbo;
O teu dia;
O seringal;
A solidão do Homem perdido na floresta...

Até ao dia em que encontraste a absolvição do sossego
Desatado pela pele escurecida num gesto
De acácia - pensamento ancorado na respiração
Do teu quarto imóvel - elegia exígua de um lugar impossível - sonho
[*Lusitano*
De um corpo
Desabitado na hemorragia do silêncio...

Nome: Luis Aguiar
Pseudónimo: Afonso Carvalho Dias

3.º Lugar

Vida

os olhos já beberam a salgada água
das ondas que cobriam a face,
as mãos, essas, deixaram-se cair
lentamente sobre a areia,
cavando pequenas sepulturas
que inrrompiam sobre a espuma
como navios, sob uma tempestade...
o mar engole lentamente o corpo estendido na praia,
onde mais uma vez o consolo chegou
e a loucura, cada vez mais frequente,
repousou finalmente no caos das ondas
fustigantes sobre as rochas...

o sal chegou à boca,
cada vez mais familiar,
deixou a recordação de ser,
confundiu as lágrimas que sempre correram na face,
e as águas do mar pareciam o acumular
de todas as noites em que uma pequena gota de água
escorria lentamente,
pela face macia, e descansava na almofada...
noites em que a alma se vestia de luto,
se destronava do ser e vagueava,
sem esperança, sem prazer,
sem saudades e crenças
de uma existência só e infeliz,
que perdurava indefinidamente
e fazia o desejo da escuridão infinita crescer sempre.

os olhos engoliram as lágrimas de sal dos oceanos,
lentamente o sol desaparece na prata do horizonte,
as gaivotas voam livremente,
e uma onda leva a seringa abandonada
ao longo do corpo,
e a vida escorre lentamente,
perdidamente, pela agulha ensanguentada.

Nome: Gilberto José de Sousa Pereira
Pseudónimo: Astrogildo de Sousa

Prémio revelação Juvenil

Os tambores da Paz

Ouço um tambor a tocar
Uma criança a chorar,
- Porque choras? - Pergunto eu.
- É que meu pai morreu.

- Disseram à minha mãe,
Que morreu a lutar
Diz-me a criança a chorar:
- A lutar pela Pátria mãe.

- Como se chamava o teu pai?
- Raimundo - seguido de um "ai"
Diz-me a criança a chorar,
E continuou a tocar.

E se as pancadas no tambor,
Fossem beijos de amor,
Naquela criança do mundo,
O filho de Raimundo.

Um dia, ternura e alegria
Vão governar as crianças do mundo
Pois só não tem alegria
Os filhos de Raimundo.

Mas os tambores da Paz
Irão tocar, tocar,
E cada rapariga e rapaz,
Vão cantar, cantar.

Nome: Joana Margarida Martins da Silva
Pseudónimo: Bianca